

BB 80/2026**O PRIMADO DO PODER IDEOLÓGICO
NO ROMANCE *O SENHOR EMBAIXADOR*, DE ERICO VERISSIMO****William Moreno Boenavides**

Instituto Federal de Santa Catarina/Araranguá

RESUMO: Este artigo mostra como Erico Verissimo trabalha em *O Senhor Embaixador* (1965), primeiro de seus romances políticos, três tipos de poderes: econômico, ideológico e político (de acordo com a subdivisão de Bobbio, 2003). Na obra, o poder ideológico tem função específica de reconhecer e compreender os outros dois. O problema geral enfrentado é entender como este romance figura e problematiza a manutenção do poder, sobretudo quando coerção estatal e interesses econômicos operam de forma combinada. O tema é central na obra analisada, porque ilumina mecanismos de dominação, legitimação e manipulação que permeiam a narrativa. Os resultados indicam que, em *O Senhor Embaixador* (1965), o poder ideológico opera como desvelamento e crítica, funcionando menos como dominação e mais como possibilidade de libertação ao narrar a história “a contrapelo” (Benjamin, 1985).

PALAVRAS-CHAVE: Erico Verissimo; *O Senhor Embaixador*; romance político; teoria do poder.

ABSTRACT: This article shows how Erico Verissimo, in *O Senhor Embaixador* (1965)—the first of his political novels — works with three types of power: economic, ideological, and political (according to Bobbio’s classification, 2003). In the novel, ideological power has the specific function of recognizing and understanding the other two. The general problem addressed is to understand how this novel represents and problematizes the maintenance of power, especially when state coercion and economic interests operate in combination. This theme is central to the work analyzed because it sheds light on mechanisms of domination, legitimation, and manipulation that permeate the narrative. The results indicate that, in *O Senhor Embaixador* (1965), ideological power operates as unveiling and critique, functioning less as domination and more as a possibility of liberation by telling history “against the grain” (Benjamin, 1985).

KEYWORDS: Erico Verissimo; *O Senhor Embaixador*; political novel; power theory.

Há uma identificação entre o Estado e a política que antecede até mesmo o aparecimento do uso corrente do termo “Estado”. Bobbio comenta que

Da *Política methodice digesta* de Johannes Althusius (1603) à *Política* de Henrich Von Treitschke (1874-96) e à *Política “in nuce”* de Croce (1925), o tratamento dos temas do Estado continua a aparecer sob o nome de “política”, originariamente derivado daquela particular forma de ordenamento político que é a *polis*. (Bobbio, 2003, p. 76)

A zona de intersecção, o que há em comum entre “Estado” e “política”, é a referência ao fenômeno do poder. Bobbio, novamente recorrendo à etimologia, lembra que “do grego *Kratos*, força, potência, e *arché*, “autoridade”, nascem os nomes das antigas formas de governo, “aristocracia”, “democracia”, “oclocracia”, “monarquia”, “oligarquia” (...)” (Bobbio, 2003, p. 76). E finaliza: “Não há teoria política que não parta de alguma maneira, direta ou indiretamente, de uma definição de poder e de uma análise do fenômeno do poder” (Bobbio, 2003, p. 76-7). Partindo dessa premissa, pode-se estendê-la e afirmar que os romances políticos de Erico Verissimo tratam necessariamente de poder, dada a imbricação entre os dois campos.

Tradicionalmente, o estudo do Estado é identificado com o dos poderes que competem ao soberano, e a teoria do estado apoia-se na dos três poderes (legislativo, executivo e judiciário). “Se a teoria do Estado pode ser considerada uma parte da teoria política, a teoria política pode ser por sua vez considerada parte da teoria do poder” (Bobbio, 2003, p. 77). Bobbio comenta as três teorias fundamentais do poder: a substancialista, a subjetivista e a relacional. Na primeira, o poder é visto como uma coisa que se usa e se possui, como um bem qualquer. Destaca-se, nesse sentido, a interpretação de Hobbes, na qual o poder é concebido como um meio de que alguém dispõe para obter um bem futuro¹. O poder subjetivista é exposto por Locke (1694) e visto como a capacidade do sujeito de obter efeitos, impor sua conduta sobre os outros. O terceiro tipo de poder é o relacional, que destaca o poder como uma forma de obter de um sujeito um comportamento que ele não teria sem a influência do outro. Quanto a esse último comentário, Bobbio recorre a Robert Dahl: “A influência (...) é uma relação entre dois atores, na qual um ator induz outros atores a agirem de um modo que, em caso contrário, não agiriam” (Bobbio, 2003, p. 78).

Como entendemos o Estado pela política e a política pelo poder, cabe perceber que, mesmo que não se possa dissociar política de poder, o poder político é apenas uma entre as demais *formas de poder* existentes. Bobbio lembra Aristóteles, que diferenciava o poder exercido pelo pai sobre os filhos, do senhor sobre os escravizados e do governante sobre os

¹ Há uma subdivisão de acordo com os meios empregados para a obtenção do efeito: as três formas que o poder pode assumir segundo essa definição são: 1) Físico e construtivo: a expressão mais concreta é o poder militar; 2) Psicológico: ameaça de punição e recompensa. Ex.: domínio econômico e 3) Mental: persuasão e dissuasão. Forma elementar: educação (Bobbio, 2003, p. 70).

governados, variando de acordo com o beneficiário do exercício do poder. Essa divisão, chamada, respectivamente, de poder paterno, despótico e civil, tornou-se um tópico recorrente na teoria política clássica (Bobbio, 2003). Locke, por exemplo, também faz essa diferenciação. Sua análise é diversa da de Aristóteles por ter outro critério de distinção. Para ele, o poder do pai se legitima por ser natural, o do senhor pela punição e do governante pelo consenso expresso ou tácito entre aqueles a que é destinado. *Ex natura, ex delicto, ex contractu*.

Essa tipologia, no entanto, não serve para especificar o poder político em relação aos demais. Deve-se aos juristas medievais essa possibilidade e o conceito de *summa potestas*. Diferentemente da sociedade antiga, em que o Estado abarca todas as instituições menores, a Idade Média tinha duas instituições que englobavam as demais, o Estado e a Igreja. A diferenciação entre as formas de ambos exercerem o poder é o que permite especificar o poder político. A Igreja exerce o poder espiritual, pelo ensino da religião e pelo exercício moral; o Estado torna-se o monopolizador da execução do poder temporal, tendo o direito de fazer uso da força física. A Igreja tem como prerrogativa, portanto, a *vis directiva* e o Estado a *vis coactiva* (Bobbio, 2003, p. 80).

Bobbio cita diversos teóricos (Jean Bodin, Hobbes, Hegel, Max Weber e Kelsen) para mostrar o consenso entre eles de que o poder político se caracteriza pela legitimidade de que dispõe para o uso da força. Isso marca a passagem do estado primitivo para o Estado: no primeiro caso, todos exercem a força física, no segundo, isso é exclusividade dos aparatos governamentais. O Estado detém o poder soberano e absoluto e “consegue obter obediência contínua de seus comandados graças também ao uso exclusivo do poder coativo” (Bobbio, 2003, 2003, p. 81).

1 Erico e as formas de poder

Sendo o poder político uma entre outras formas de exercer o poder, pode-se agora comentar quais as demais e, posteriormente, mostrar que Erico Verissimo as relaciona no seu romance *O Senhor Embaixador* (1965). Além disso, pode-se sugerir que um desses tipos de poder, o ideológico, tem função específica no romance.

Bobbio explicita três principais formas de poder. O poder político define-se por ser o “poder que está em condições de recorrer em última instância à força ([da qual] detém o monopólio)” e esta é uma “definição que se refere ao meio de que se serve o detentor do poder para obter o efeito desejado” (Bobbio, 2003, p. 82). A partir disso, comenta que a

tipologia dos três poderes tem como linha de corte, justamente, o meio do qual se vale para exercer o poder. Assim, comenta os outros dois. No econômico, “a posse dos bens, necessários ou percebidos como tais” constitui o meio de exercer o poder, já que, afirma Bobbio, lançando mão de fundamentos de marxismo, quem detém os meios de produção tem o poder de “determinar o comportamento alheio” (Bobbio, 2003, p. 82). A outra forma de exercer o poder interessa aqui de modo especial. Trata-se do poder ideológico que é

aquele que se vale da posse de certas formas de saber, doutrinas, conhecimentos, às vezes apenas de informações, ou de códigos de conduta, para exercer uma influência sobre o comportamento alheio e induzir os membros do grupo a realizar ou não realizar uma ação. Deste tipo de conhecimento deriva a importância social daqueles que sabem, sejam eles os sacerdotes nas sociedades tradicionais, ou os literatos, os cientistas, os técnicos, os assim chamados “intelectuais”, nas sociedades secularizadas (...). (Bobbio, 2003, p. 82-83)

Para o teórico, o que há em comum é que estas são formas de manter sociedades desiguais divididas em fortes e fracos, ricos e pobres, sábios e ignorantes, genericamente, superiores e inferiores (Bobbio, 2003, p. 83). No romance *O Senhor Embaixador* (1965), no entanto, veremos que essa última forma de poder pode diferir qualitativamente das outras justamente por se opor à manutenção das desigualdades, já que expõe como os poderes econômicos e políticos se estabelecem e se conservam.

2 *O Senhor Embaixador*

O romance *O Senhor Embaixador* (1965), de Erico Verissimo, é o primeiro romance do autor após a trilogia que compõe *O Tempo e o Vento*, e também o primeiro dos três romances políticos que o autor publicara nos anos iniciais da instauração da ditadura militar no Brasil (*O Prisioneiro* é de 1967 e *Incidente em Antares* de 1972). No âmbito do poder político, o romance apresenta uma subdivisão, uma vez que não se passa em apenas um lugar. Em Sacramento, república fictícia da América Central, sabemos do ex-ditador Chamorro, do atual ditador Carrera e do próximo, Miguel Barrio, o qual tem em Roberto Valência seu homem forte, que inclusive o manipula. Durante o romance, dividido em quatro partes, “As credenciais”, “A festa”, “O carrossel” e “A montanha”, Sacramento está sendo dominada por Valentino Carrera, que havia derrubado Chamorro há 25 anos e, agora, sofre pelas investidas de Miguel Barrios, que, ao final, derrubará o adversário, tornando-se outro ditador. Já em Washington, temos Gabriel Heliodoro, o embaixador do título do romance, que foi nomeado por seu compadre Carrera e o presidente norte-americano, Eisenhower, além das demais

personagens que circulam nas embaixadas como Poncho Vivanco e Hugo Ugarte. Há uma associação entre o poder político e o econômico que fica sobremaneira evidenciada nas relações dos sucessivos comandantes de Sacramento com empresas norte-americanas como a Sugar Emporium e a Uniplanco.

Do ponto de vista de personagens fortemente envolvidas com o *poder ideológico*, conforme definido anteriormente, destacam-se o professor Leonardo Gris, Pablo Ortega e Bill Godkin. Também deve ser considerado o Ministro Conselheiro Jorge Molina, mas cumprindo um papel diferente dentro do romance. Esse último passa por uma crise de fé. “Leitor de Platão, Molina amava o diálogo” e abandonou o seminário por não acreditar mais na existência de Deus. Mas continuava amando a “*ideia* da existência de Deus” (Verissimo, 2009, p. 75). Era solitário e mantinha conversas imaginárias para debater questões importantes. “E, por mais incrível que parecesse, outro de seus interlocutores-fantasmas mais assíduos era o próprio Leonardo Gris, seu antigo colega de universidade e atual inimigo político” (Verissimo, 2009, p. 74). Logo Gris, a quem Molina havia sido enviado a Sacramento justamente para vigiar. Em uma de suas conversas imaginárias, ataca o liberalismo de Gris, mostrando que, no romance, nem mesmo a postura mais favorecida no conjunto final (que é a liberal) escapa às críticas. Molina e Gris encontram-se na “Festa” de apresentação das credenciais do embaixador em Washington e Molina trata Gris com frieza, que credita tal atitude pelos artigos que havia escrito criticando o atual governo sacramentino de Valentino Carrera. Nesse mesmo evento, ao avistar o Embaixador de Gana, cumprimenta-o de longe e pelo discurso indireto livre conhecemos seu absurdo ímpeto imperialista:

Avistou o embaixador de Gana a dois passos de onde estava. O esplêndido negro lhe sorria. Molina limitou-se a inclinar a cabeça e continuou seu caminho. Não tinha preconceitos raciais como os americanos, mas não morria de amores pelos negros. Irritava-se de ver ali naquela festa os representantes das novas repúblicas africanas. Repúblicas? Não passavam de conglomerados de tribos semibárbaras ou completamente selvagens. Muita gente agora repetia com orgulho a expressão “fim do colonialismo”. Ah! O mundo ainda haveria de sentir a nostalgia do tempo em que o sol nunca se punha sobre o Império Britânico! E os culpados indiretos daquela ridícula proliferação de Estados africanos eram os intelectuais da grei de Leonardo Gris, os famosos liberais que viviam a falar e escrever sobre liberdade e autodeterminação, como se pudesse haver liberdade onde não existia senso de responsabilidade e nem mesmo senso comum, e como se fosse possível autodeterminarem-se aquelas pseudonações formadas (ou deformadas) por tribos que se devoravam umas às outras não só no sentido figurado do verbo como também às vezes até no próprio. (Verissimo, 2009, p. 160)

Associado a esse ímpeto está o preconceito racial, de vez que “não morria de amores pelos negros”. Mostra, assim, a intolerância e a diferenciação interna do próprio grupo considerado intelectual, já que, mais uma vez, declara sua oposição a Gris. O foco do poder

intelectual e a expressão de sua função no romance encontram-se mesmo nas outras três personagens citadas anteriormente, Bill Godkin, Leonardo Gris e Pablo Ortega. O americano Willian B. Godkin acompanha os acontecimentos desde sua origem. O jornalista escreve sobre a república de Sacramento desde o primeiro golpe, quando Juventino Carrera assumiu o poder, durante a juventude de Gabriel Heliodoro. Como amigo de Pablo Ortega, acompanha a segunda revolução, relatando em comunicados diários o que acontece.

As primeiras palavras do romance são para falar de Bill Godkin. Anunciam a comemoração feita por seus colegas pelos seus trinta e cinco anos de serviços à Amalgamated Press, “prestados como correspondente e especialista em assuntos latino-americanos” (Verissimo, 2009, p. 16). Na continuação da cena, ele, mesmo a contragosto, faz um discurso em que comenta a relação dos jornalistas com os *feitos*, dando como exemplo sua própria trajetória. Nesse comentário, temos algo que pode ser considerado uma boa metáfora do papel que o poder ideológico representa no romance, em sua relação com os demais poderes. Diz ele:

Quando eu tinha a idade desse moço, orgulhava-me de possuir a qualidade essencial do repórter: a de só noticiar fatos. Hoje, na adolescência da velhice (pois vocês não ignoram que percorro com certa relutância a derradeira milha que me separa dos sessenta), começo a ter dúvidas. . ." Fez uma pausa para uma cachimbada, e prosseguiu: "Isso a que chamamos *fato* não será uma espécie de *iceberg*, quero dizer, uma coisa cuja parte visível corresponde apenas a um décimo de seu todo? Porque a parte invisível do *fato* está submersa nas águas dum torvo oceano de interesses políticos e econômicos, egoísmos e apetites nacionais e individuais, isso para não falar nos outros motivos e mistérios da natureza humana, mais profundos que os do mar. (Verissimo, 2009, p. 16)

Sabemos também que o início de sua carreira se deu porque havia escrito uma dissertação chamada *Radiografia das Ditaduras Latino-americanas*, que ele hoje considera pretensiosa por seu pouco preparo à época, mas que foi lida por um dos diretores da Amalgamated Press, o qual o contratou. Logo foi mandado para “uma dessas republiquetas da América Central onde se esperava barulho nas vésperas duma eleição presidencial”. Mas não vê nem revolução, nem eleição, “a história de sempre” (Verissimo, 2009, p. 27), conclui.

Bill Godkin acompanha de perto, em Sacramento, o início da revolta que há 25 anos derrubou Don Antônio María Chamoro e colocou o líder da revolta, o então tenente Juventino Carrera, que agora, no presente da narrativa, está, por sua vez, sendo deposto por Miguel Barrios, chefe do Estado-Maior da Coluna Revolucionária que tem como articulador, Roberto Valência. Alia sua experiência e seu conhecimento teórico para poder julgar os

acontecimentos (não raro desconstruindo a forma de contar da própria imprensa), como faz ao comentar que Carrera, reconhecido como *El libertador* após o golpe que derrubou um tirano, tornou-se igual a ele. Para Bill Godkin, Juventino não fez nada mais do que seguir “a regra geral latino-americana” (Verissimo, 2009, p. 33).

Perto do final do romance, ele, que havia entrevistado o próprio Miguel Barrios, aponta em seu caderno diversos acontecimentos referentes a Sacramento. Seu texto manifesta extrema consciência do que havia acontecido e do que viria a acontecer, fazendo um pequeno balanço de sua atuação e da situação política geral. Os apontamentos começam assim:

Do caderno de notas de William B. Godkin: 22 de outubro — Sou agora persona grata do Supremo Comando Revolucionário. Valencia aprovou o texto de meu colóquio com Barrios sem lhe cortar sequer uma vírgula. A Amalpress, para minha surpresa, distribuiu-o também sem mutilações. Tenho já comigo um exemplar do Washington Post em que minha entrevista com Barrios foi publicada na íntegra, em três colunas, e com um retrato do herói. Nela apresento o barbudo líder a uma luz muito favorável, e lanço um apelo às nações da América para que deem seu apoio moral aos rebeldes. Em suma, faço minha penitência por ter um dia, na medida de minhas possibilidades, contribuído para que Juventino Carrera tomasse o poder. Tinha razão o Professor Leonardo Gris quando afirmava que os chamados “homens de consciência” no fundo são uns penitentes crônicos. (Verissimo, 2009, p. 353)

Note-se que ele expressa concordância com o comentário de Gris, com plena consciência da posição paradoxal em que os intelectuais se colocam em situações como essa. A referência que faz a Leonardo Gris não é gratuita. Gris é ex-professor de Literatura na Universidade Federal, em Cerro Hermoso (Verissimo, 2009, p. 87). Humanista, tornou-se um exilado político a conspirar com alguns compatriotas para a derrubada de Juventino Carrera. Sofre perseguições ao longo do romance. Em certa passagem, fala para Pablo Ortega do homem que o está seguindo (Verissimo, 2009, p. 91). Bem ao final da primeira parte do romance, “As credenciais”, Gris tem um diálogo com um dos representantes centrais do poder político atual, Miguel Barrios, pouco antes dele partir para Sacramento e iniciar o levante armado que deporia Juventino Carrera (da mesma forma que Godkin, como dito anteriormente, encontrará Barrios, porém em Sacramento). No diálogo, Barrios, representante do poder político, expõe de forma clara o que Gris, representante do poder ideológico, poderia fazer para contribuir com os rebeldes. Pergunta Gris:

— E que posso fazer para melhor ajudar o movimento?

— Continue publicando seus artigos e fazendo suas conferências, doutor. Procure esclarecer a opinião oficial e a opinião pública deste país, tão necessárias ambas ao sucesso de nosso movimento libertário.

— Os diretores de jornais parecem já cansados de minhas cartas. Já tive rejeitada a publicação de várias...

— Resta-lhe a plataforma das conferências. A sua cátedra, até certo ponto. E sua simples presença aqui, Dr. Gris. O professor sacudiu a cabeça afirmativamente. (Verissimo, 2009, p. 114)

Na sequência da conversa, Barrios vai falar de Valência, em quem deposita demasiada confiança. E observa que, se for criado um governo sacramentino no exílio, Gris será o escolhido para chefiá-lo.

O momento central da presença de Gris como representante típico do poder ideológico no romance de Erico é a conferência pública que ele faz na American University. Aí ele revela todas as formas de os diversos setores sacramentinos se articularem com o poder político e econômico para continuarem usufruindo de benefícios. Fala do Arcebispo Primaz, dos norte-americanos (está em uma universidade de lá), na necessidade da reforma agrária, em todas as formas de exploração a que Sacramento está sujeito. Aborda o núcleo dos motivadores econômicos que geraram as ditaduras na América Latina e também o proveito que os EUA tiraram da Segunda Guerra Mundial. Numa síntese admirável, lembrando o que um professor de Oxford lhe disse em uma conversa, cita o seguinte:

"A antítese comunismo-democracia é falsa". Explicou que o contrário do comunismo não é a democracia, mas o capitalismo, e a antítese da democracia não é o comunismo, mas a ditadura. O que ocorre é que, quando queremos dizer que somos capitalistas, achamos mais simpático afirmar que somos democratas! (Verissimo, 2009, p. 239)

Gris estava sendo observado provavelmente por aquele que o estava seguindo. Posteriormente o professor irá desaparecer sem deixar rastros, não sem antes desvelar as formas de articulação do poder na sua pátria.

Pablo Ortega é o primeiro-secretário da Embaixada de Sacramento, com tendências liberais. "Esforçava-se, mas em vão, por querer realmente mal ao embaixador" Gabriel Heliodoro (Verissimo, 2009, p. 64). É muito próximo a Gris, de quem havia sido aluno. Em conversa com miss Clare Ogilvy (secretária da embaixada), Pablo Ortega conta que deu refúgio a Leonardo Gris (que havia sido seu "mestre na Universidade Federal"), na chamada "Noite Trágica", em que a força militar de Juventino Carrera invadiu o Palácio do Governo, no golpe final de deposição de Chamorro.

Ao lado da escrita de Bill Godkin, da palestra e da fala de Leonardo Gris, temos com Ortega outro dos momentos importantes em que o poder intelectual aparece de forma decisiva. No romance, conhecemos muito sobre a história não oficial da república de Sacramento pelo relato que ela faz a Glenda Doremus, que escrevia uma dissertação (cujas informações e posições eram bem diferentes das de Pablo) chamada *A República do Sacramento*. Nesse diálogo, Pablo desfaz muitas das ideias mais aceitas sobre a história do país. Começando por Don Antonio Chamorro, considerado ditador, mas com uma história

bem mais complexa. Fala de como se deu o golpe em que o ditador subiu ao poder (tendo se candidatado legalmente à presidência da República na eleição anterior, mas não sendo eleito, possivelmente por fraude). Pablo considera elementos de ordem vária para formar uma explicação sobre a administração de Chamorro. Ele avalia elementos psicológicos, seu interesse pela erudição, os poderes econômicos envolvidos (como as empresas Caribbean Sugar Emporium e United Plantations Company) que, em articulação com os poderes políticos, passaram a controlar setores de primeira importância para o desenvolvimento do país (ferroviário, de energia elétrica e telefonia). E, o que é mais revelador, como Chamorro não era quem de fato dirigia “sua” administração. Na verdade, sua esposa, Doña Rafaela, que além de ter casos com outros homens, estava “acumpliciada com alguns ministros da República, montou uma eficientíssima máquina de opressão e corrupção que valeu a ela e seus ‘sócios’ uma fortuna fantástica” (Verissimo, 2009, p. 149). O que contraria o que diz Glenda, que “os livros de história de vocês [sacramentinhos] apontam Chamorro como o chefe onipotente dessa quadrilha” (Verissimo, 2009, p. 149). Chamorro era enganado por seus “aliados” e por sua esposa. Pensava que o país ia bem, mas desconhecia a forma como se atraía capital estrangeiro e como o povo era levado a aclamá-lo quando saía publicamente. Quando as revoltas lideradas pelo pequeno agricultor Juan Balsa, formando grupos guerrilheiros, e os demais sintomas da crise começam a se alastrar, a esposa faz Chamorro acreditar que os guerrilheiros são bandidos, levando ao fuzilamento de Balsa e à ocultação do pedido de ajuda aos EUA para tentar controlar as revoltas.

A parte que Ortega considera “fundamentalmente errada” (Verissimo, 2009, p. 151) da dissertação de Glenda é da descrição idealizada da figura dos que derrubaram Chamorro, Juventino Carrera à frente. Como exemplo marcante do que é essa figura (que no presente da narrativa é o atual comandante de Sacramento), o golpe que planejava junto a seus companheiros foi antecipado em função de um roubo de “cem mil lunas”, que ele havia cometido, ter sido descoberto e ele ter sido obrigado a devolver os recursos em 48h. Matou o coronel (do governo Chamorro) na mesma hora em que esse lhe cobrava o dinheiro, dando início “antecipado” ao golpe. Os primeiros dias do golpe foram de total turbulência e violência contra os antigos representantes do poder, que tiveram inclusive suas famílias atacadas, mulheres violentadas por parte dos revoltosos, com a aprovação dos novos comandantes políticos (Verissimo, 2009, p. 153-4). Da mesma forma, então, que Ortega havia mostrado à Glenda o oposto do que ela pensava conhecer de Chamorro (visto como cruel e déspota por ela), Pablo vai contrariar o que ela pensava sobre Juventino Carrera. De modo inverso, dessa vez, já que revela um Carrera pior do que o que Glenda pressupunha. Pablo

desvela como era aparente a liberdade de imprensa do governo do ditador e como a agilidade de estabelecer uma nova Constituição foi usufruída por ele, já que a Constituinte elegeu o próprio Carrera como presidente... E aqui o que é de se destacar, no conjunto das representações do poder intelectual em Erico, que por detrás dos demais, o poder econômico se mantém. Os detentores do poder político se alteram, mas sempre buscando formas de articulação com o onipresente poder econômico. Não à toa, Carrera manteve a parceria com a Sugar Emporium e a Uniplanco (Verissimo, 2009, p. 63). Também entram aí, em meio às formas de se manter no poder político, as fraudes eleitorais em que o capital e a força física se aliam. Além disso, a presença do poder atemporal para auxiliar na ascensão em termos de status social é mencionada, como a importância do arcebispo Primaz para a aceitação de Gabriel Heliodoro (braço direito de Carrera) na “aristocracia” (Verissimo, 2009, p. 164), depois de ele já ter galgado os espaços econômicos devido a sua atuação nas fraudes do governo.

Através de Pablo, ainda nessa conversa, sabemos que, para se manter no poder diante das críticas de vários setores da sociedade, Carrera forjou a existência do grande inimigo comunista. Nessa falsificação, não faltam as bombas e os atentados criados pelos próprios representantes do governo. E quando a situação fica insustentável, vem o golpe. A ditadura assumida ganha o pomposo título de “Movimento de Salvação Nacional” (Verissimo, 2009, p. 166). Intelectuais, artistas e diversos elementos da classe média respondem ao regime com um golpe que restaura a república, e Julio Moreno é eleito democraticamente presidente, sendo Leonardo Gris seu ministro da educação. E, quase óbvio, o trabalho de Moreno em desfazer os privilégios norte-americanos existentes na ilha em função do anterior pacto econômico e político é “acusado” de comunista. Assim se dá a explicação da política de Sacramento, que ainda terá a morte de Moreno (forjada como suicídio, mas que pode ter sido causada pelo próprio Gabriel Heliodoro) e o retorno de Carrera ao poder. Ortega vai, então, ao cerne da dissertação e da personalidade de Glenda, o preconceito racial:

— E agora vamos à sua tese propriamente dita — sorriu Pablo. — Se bem entendi seu trabalho, o que você pretende provar é que, governado por um ditador despótico e branco como Chamorro ou por um mestiço como Carrera, que você imagina um democrata, um país como o Sacramento dificilmente ou nunca poderá atingir sua maturidade política e uma ordem social e econômica próspera e estável pela simples razão de que seu povo é formado em sua maioria de elementos mestiços... Certo?

— Certo.

— Pois está errado. Glenda levantou-se. (Verissimo, 2009, p. 170)

Mais uma vez o preconceito racial é criticado por Erico. Cumpre lembrar que Lélia González (2020, p. 145), enfatizando o Brasil, mas fazendo um paralelo com a América

Latina, pontua que o retorno dos intelectuais que haviam sido exilados em função da ditadura militar acabou por contribuir com o combate ao “mito da democracia racial”, pois esses intelectuais, “considerados brancos no Brasil”, no exterior, em especial na Europa, “sofreram discriminação racial”. Pablo, como representante do poder ideológico, se debate na questão da classe. Sua família era rica em Sacramento, ele é um representante da elite econômica. Pablo Ortega vivencia a “tensão dialética” (cf. Appel) com Heliodoro, e Gris percebe a contradição de sua posição de intelectual, como afirma no livro (Verissimo, 2009, p. 92). Ele não consegue repudiar verdadeiramente Heliodoro porque fica em dúvida sobre a validade da participação ativa em movimentos revolucionários, o que Heliodoro tem por função normal. É obrigado a ficar próximo de Heliodoro, compondo essa “tensão dialética” já que por seu cargo (primeiro-secretário da Embaixada da República do Sacramento), deveria acompanhar o embaixador. No início do romance numa conversa entre Bill Godkin e Orlando Gonzaga (primeiro secretário da Embaixada do Brasil), o jornalista pergunta por Pablo, e o brasileiro responde que ele havia telefonado, dizendo que não poderia encontrar-se com eles, pois andava “às voltas com seu novo embaixador” (Verissimo, 2009, p. 24).

Ortega, ao final, vai juntar-se aos revolucionários, mas sua atuação central como representante do poder ideológico se dá nos últimos instantes do romance diante do julgamento de Gabriel Heliodoro, defendendo-o. É opositor de Roberto Valência, que acusa o réu. Heliodoro não escapará da morte, mas o que nos interessa aqui é que assim como os demais representantes do poder ideológico (Godkin em seu “caderno de notas” e Gris com seu discurso na Universidade), Ortega terá seu momento de mostrar as articulações nas quais se sustenta o poder político, revelando seus meandros.

Considerações finais

Deve-se observar que não apenas as três personagens a que se deu destaque neste trabalho articulam conhecimentos sobre os acontecimentos. Por exemplo, pode-se falar de Miss Clare Ogilvy, que era uma “funcionária contratada” da embaixada de Sacramento, “cidadã americana”. Como é descrito, tinha um cargo para o qual “nunca ninguém descobriu um título capaz de abranger descritivamente suas múltiplas atribuições” (Verissimo, 2009, p. 47). Ela apresenta uma série de personagens do romance, incluindo os antigos embaixadores de Sacramento que já passaram pela embaixada. Revela conhecimento sobre as figuras que circulam na embaixada (das páginas 47 a 55 faz um verdadeiro levantamento). Porém, seu foco é mais da ordem das relações pessoais do que direcionado para o desvelamento dos artifícios montados pelos poderes em suas articulações. Mesmo assim, sabemos por ela da

forma ilegal como o Gen. Hugo Ugarte (adido militar de Sacramento em Washington) aumenta seus ganhos exportando para Sacramento, sem pagar nenhuma tarifa, produtos comprados com descontos nos Estados Unidos, chegando a lucrar mais de setenta por cento. Nas suas considerações, no entanto, não entram os pressupostos políticos, econômicos e ideológicos basilares que possibilitam a impunidade do General.

O próprio embaixador, Gabriel Heliodoro, não verbaliza a situação complexa envolvendo os poderes e à qual sua própria vida está diretamente atrelada. Antes da entrega de suas credenciais ao presidente Eisenhower, em conversa com Pablo Ortega, diz o seguinte:

— Sabes o que estou achando engraçadíssimo? Quando os fuzileiros navais americanos desembarcaram no Sacramento em 1915, a pedido do ditador Chamorro, para capturar Juan Balsa e seus guerrilheiros, eu, que teria então uns doze anos de idade, um dia escarrei na bandeira dos Estados Unidos. Escondido atrás de árvores, muitas pedras atirei em patrulhas de soldados gringos. Com estas mãos que estás vendo, escrevi a carvão em muito muro: *Americanos perros sucios*. E agora, Pablo, aqui vou como embaixador de meu país a caminho da Casa Branca. Não é fantástico? (Verissimo, 2009, p. 65, grifos do autor)

O interlocutor, Ortega, provavelmente não considera nada disso “engraçadíssimo” ou “fantástico” e “limitou-se a fazer que sim com a cabeça” (Verissimo, 2009, p. 65). Heliodoro, diga-se, em conversa com Rosalia, sua amante e casada com o chanceler Poncho Vivanco, faz uma afirmação que parece ser uma síntese de parte de sua postura: “– E sabes duma coisa? A inteligência duma pessoa não está na cabeça, mas no corpo. O corpo sabe o que quer. É preciso a gente aprender a linguagem do corpo” (Verissimo, 2009, p. 109). Esta é apenas parte de sua postura, porque não se pode esquecer que no romance é muito destacada sua “simpatia” e que a usa para negociar relações entre os países, Sacramento e EUA.

Conforme Carlos Jorge Appel, “enquanto concebia *O Senhor Embaixador*, no período que vai de 1962 a 1965, [Erico] buscava [e, citando *Solo de Clarineta*]

a oportunidade de estudar a estrutura política, econômica e social dessas republiquetas da América Central e do Sul e suas relações com o irmão maior e mais rico, os Estados Unidos. O romance se prestaria também para mexer com um problema que sempre me preocupou: a participação do intelectual na política militante e, mais especificamente, numa revolução de caráter violento. (Appel, 2009, p. 11)

Percebe-se em *O Senhor Embaixador* que o poder ideológico, pelos intelectuais que conseguem compreender o momento e as formas dos demais poderes se relacionarem, serve para desvelar aquilo que pretende ser ocultado. Enquanto o poder político e o poder

econômico atuam como forças coercitivas, no romance de Erico, o poder ideológico aparece como forma de libertação, opondo-se aos demais. Não é visto como forma de dominação. Erico coloca o poder ideológico como capaz de contar a “história a contrapelo”, na conhecida expressão de Benjamin (1985, p. 225), sendo necessário para que as relações desiguais sejam expostas e compreendidas. Confere a essa forma de poder, por isso, o *primado* em relação às demais.

REFERÊNCIAS

APPEL, Carlos. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1.

BOBBIO, Norberto. *Estado, governo, sociedade*: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: _____. *Por um feminismo afro-latino-americano*: Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 139-150.

VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERISSIMO, Erico. *O prisioneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

William Moreno Boenavides é professor adjunto do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Araranguá. Mestre e Doutor em Literatura, Sociedade e História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), orientado pelo prof. Dr. Antônio Sanseverino, atualmente realiza pós-doutorado na mesma instituição sob a supervisão da profa. Dra. Regina Zilberman. É membro dos seguintes grupos de pesquisa: Ficção de Machado de Assis: sistema poético e contexto; Tessitura: Vozes em (Dis)curso (GenTe); Grupo de Estudos em Educação e Divulgação Científicas e Estudos em Arte e Linguagem.

Artigo recebido em 08/02/2026.

Aprovado em 03/03/2026.